

O PT, as eleições e a democracia brasileira - contribuições ao debate

Socialismo em Construção

O PT - partido das trabalhadoras e dos trabalhadores é uma das experiências políticas mais significativas da história brasileira e em especial da nossa democracia.

Nestes quase 45 anos de vida, enfrentamos todos os tipos de ataques e perseguições. Em mais de uma oportunidade a velha mídia corporativa e comercial aliada aos representantes do capital financeiro, da política tradicional, detratores de vários tipos e alguns oportunistas de plantão anunciaram o fim do partido, de Lula, de Dilma e de muitas das nossas lideranças...

Mas a vida mostrou que varrer o PT da vida política nacional não é uma tarefa fácil de produzir.

O PT como uma construção que partiu das diferentes formas de organização e luta do povo brasileiro possui raízes profundas e nacionais. Em sua história demonstrou uma capacidade inigualável de se reconstruir e se reposicionar sem nunca ter mudado de lado, sempre firme em seu compromisso com a democracia brasileira e com os direitos mais amplos do povo trabalhador.

Fruto da redemocratização do Brasil, o PT enfrenta os mesmos desafios da democracia brasileira, uma crise de imagem e a falta de um programa e de uma agenda política que dialogue com as demandas contemporâneas da nossa população, de todos os trabalhadores em sua diversidade, dos setores médios aos mais excluídos.

Após o resultado do primeiro turno das eleições, a Presidenta Gleisi Hoffmann usou a expressão de que ***o PT está vivendo um processo de reconstrução***.

Enfrentamos na última década um movimento conservador e em parte reacionário, no contexto internacional alguns autores chamam de revolução conservadora, com característica antipolítica e antissistema que tem contribuído para organizar a direita e da extrema direita no Brasil. Este movimento produziu uma transição geracional nas representações desse campo.

Encaramos a submissão do poder Judiciário e do Congresso Nacional a interesses antinacionais e à estratégia de poder dos líderes da Operação Lava Jato associados os interesses de setores do capital financeiro, representantes das elites e do poder político e econômico, apoiados pela mídia corporativa que por meio de narrativas falaciosas produziram o Golpe contra a Presidenta Dilma, a perseguição ao PT e ao Presidente Lula levando à sua prisão e o retirando do pleito presidencial de 2018 e, recentemente, a tentativa de Golpe no 08 de janeiro.

Este processo de pouco mais de uma década contribuiu para corroer nossa democracia, a credibilidade em suas instituições, gerando um profundo desalento em parte de setores populares, abrindo espaço para que outros atores se fortalecessem neste processo.

Este movimento conservador/reacionário estabelece uma disputa permanente no campo dos valores e ideológico sobre uma pauta de costumes, mas não só. Esta disputa é pavimentada pelo fortalecimento das Igrejas de vertentes neopentecostais que por meio da *“ideologia da prosperidade”* passam a ser referência nos territórios para as famílias e comunidades suprimindo em muito o papel de um Estado de Bem Estar Social, e das organizações populares, além de vender resultados de políticas públicas como conquistas individuais por meio de “bênçãos divinas”.

O novo mundo do trabalho, marcas da hegemonia do neoliberalismo, chamado por alguns de uberização criou uma legião de empreendedores individuais, micro e pequenos que não se vêem na fotografia da classe trabalhadora das décadas finais do século XX, com os quais precisamos dialogar e compreender suas demandas e expectativas em relação ao Estado.

O crescimento do crime organizado, do tráfico e das milícias associado à política em todo o território nacional, herança dos anos de golpe e do governo Bolsonaro, aliado a uma política de distribuição em massa de armas pelos CACs, transformou o país em um território cada vez mais violento e armado, nos exigindo respostas mais profundas.

O papel das redes sociais, das big techs (somente três corporações controlam este mercado no mundo – Meta, Google e X – ex Twitter) na construção de uma nova geração moldada, formada pelos algoritmos que geram distorções, impactando as relações e a organização social, desde o indivíduo, passando pelas famílias até a esfera pública em sua dimensão contemporânea, impulsionados por interesses econômicos que se alimentam cada vez mais do preconceito, da intolerância, da violência e da desinformação ou Fake News para sustentar suas indústrias de likes, se transformaram em um pilar estruturante desta corrosão democrática.

Todos estes elementos ajudam a compor um cenário de mudanças importantes no tecido social brasileiro no último período que impactam diretamente na cultura e no modo de vida nacional, com o enfraquecimento de valores humanistas, do senso de coletividade e comunidade e com o fortalecimento do individualismo.

O Brasil está imerso nesta nova configuração do capitalismo internacional, uma transição marcada pelos avanços tecnológicos que caminha a passos largos para o ultraneoliberalismo associado ao conservadorismo.

Frente a este cenário, o processo eleitoral no Brasil não poderia deixar de refletir o impacto destes elementos aqui elencados, e diferente da narrativa hegemônica, podemos considerar que os resultados das eleições municipais

são significativos para o campo progressista e democrático, pois representam a expressão de um movimento de resistência contra hegemônico.

O PT após 8 anos de Golpe, conquistou um crescimento de mais de 30% no número de prefeituras com vitórias em cidades importantes acima de 100mil e com segundo turno. Ampliamos a nossa votação em números gerais.

Mas isso não deve nos impedir de aprofundarmos a análise sobre algumas características deste pleito.

Uma delas é o número significativo de abstenções nas últimas eleições alcançando a casa dos 30% a 40%, que podem estar associados ao crescente sentimento antipolítica e cada vez mais antissistema.

A segunda é a alta taxa de reeleição 82%. Dos 2.916 prefeitos que tentaram a reeleição, 2.400 se elegeram. Foi uma eleição marcadamente dos gestores.

A terceira e que se relaciona com a segunda é o impacto do chamado *Orçamento Secreto* nas eleições e as emendas parlamentares, das 100 cidades que mais receberam “emendas PIX”, 93,7% se reelegeram.

Este papel de destaque dos prefeitos e governadores no processo eleitoral tem um outro elemento importante que está relacionado as políticas e entregas do Governo do Presidente Lula, que na ponta desaparece e é substituído pelos gestores locais.

Outra característica é a operação eleitoral do crime organizado e das milícias que inclui um conjunto de candidaturas próprias além dos apoios ao Centrão, direita e extrema direita, alavancados por este ecossistema que envolve emendas parlamentares, lavagem de dinheiro, corrupção e caixa 2.

Soma-se a isso um esvaziamento do Centro mais ideológico e em certa medida democrático e progressista. Siglas tradicionais foram substituídas por uma gama de novas siglas que compõem um Centrão cada vez mais pragmático, com destaque para uma estratégia utilizada em alguns municípios onde se aliaram à direita, unificando candidaturas em cidades com mais de 100 mil eleitores, especialmente onde a esquerda poderia vencer.

Por último, mas não menos importante, há um elemento que se refere ao nosso Partido, que em menor proporção, ainda enfrenta uma crise de imagem e rejeição.

Se é verdade que os maiores derrotados desta eleição de 2024 foram Bolsonaro e a extrema direita, mesmo derrotados, seu movimentos, seus valores e preconceitos, seus métodos - violência, desinformação, Fake News, associação com o crime organizado e corrupção estão mais fortes do que nunca, ancorando candidaturas e vitórias de centro direita e direita em todo o País.

As recentes revelações e denúncias sobre a tentativa de Golpe e os episódios que culminaram no 08 de janeiro envolvendo setores das forças armadas, da polícia federal, do Estado brasileiro, além de parlamentares e setores econômicos, o plano de Golpe de Estado com os assassinatos de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes, a criação de campos de prisioneiros no modelo Auschwitz, o homem bomba do STF, mesmo com os fracassos, aponta para a fragilidade da democracia brasileira e uma certa convicção na impunidade.

Não podemos aceitar este movimento de “normalização absurda” sobre os ataques à democracia e a organização de um Golpe de Estado por parte também da direita, e do Centrão frente a um plano de assassinato de uma chapa democraticamente eleita, de chefes de poderes ou mesmo da eliminação de adversários políticos.

Nossa obrigação como democratas, enquanto partido e também Governo é o de impormos uma maior ofensiva em relação a exigência da punição dos golpistas, incluindo Bolsonaro, militares, financiadores e todos que participaram deste processo de forma ativa, acompanhando o andamento da denúncia junto à PGR, exigindo celeridade na apuração e medidas, repercutindo as informações e principalmente conscientizando e mobilizando a sociedade brasileira contra a Anistia, devemos ter uma só palavra nos próximos meses que é SEM ANISTIA!

O movimento pela anistia aos golpistas mesmo tendo enfraquecido indica que estamos longe de superar a polarização e a correlação de forças no curto prazo.

Sabemos que nosso governo foi eleito a partir de uma Frente Ampla com compromisso democrático, mas pouco programática.

E o que temos observado é que a retomada democrática é complexa, fundamental, necessária, mas insuficiente para pavimentar um caminho de vitórias de 2026.

Reconstruir o Brasil, o Estado brasileiro nossa democracia e retomar um conjunto de políticas públicas tem dificultado que se crie marcas nítidas do Governo Lula 3.

Estamos alcançando o pleno emprego e os menores índices de pobreza e extrema pobreza da nossa história, com um PIB mais do que robusto, uma inflação comedida o que nos faz refletir sobre a máxima de que a estabilidade econômica garante aprovação e bons resultados. O que estamos vivenciando é que a recuperação e melhora na economia nacional e das famílias não está sendo associada ao nosso Governo. E por si só, não garante aprovação.

As pesquisas de opinião demonstram pouca ou nenhuma mobilidade desde a eleição até aqui. Incluindo a que apresenta Bolsonaro em primeiro, se as eleições fossem hoje, deixando evidente a força da extrema direita e o espaço ainda existente na sociedade brasileira para transitar tal possibilidade.

O Pacote de Medidas Fiscais apesar de não terem sucumbido a pauta do mercado de redução nas políticas sociais, ainda assim atenta em parte à elementos que atingem diretamente o público mais desassistido como as mudanças propostas no BPC e a forma de cálculo da política de valorização do salário mínimo.

A Reforma da Renda é fundamental para a disputa política, com a isenção de quem ganha até R\$5.000,00 e a tributação acima de R\$50.000,00, e precisa ser apresentada imediatamente ao Congresso Nacional, mobilizando a sociedade, especialmente os setores médios para que se garanta a sua aprovação. Pois mesmo aprovadas, seu impacto se dará somente da metade para o final de 2026.

Qual o caminho?

Sobre o diagnóstico de um eleitor mais conservador, a questão a ser respondida é a se sucumbiremos ao senso comum sendo mais do mesmo, não nos diferenciando dos demais, ou se atualizamos uma agenda pela esquerda fundada em valores e com respostas para questões concretas da vida das pessoas.

Ainda que sejam necessários movimentos táticos do Governo Lula ao centro de tradição democrática, cada vez mais raro – isso não pode presidir nossa estratégia partidária de perseverar na construção da sociedade socialista. Em outras palavras: não é a tática que deve reduzir a visão programática, é a estratégia que deve continuar a apontar caminhos para disputar nosso projeto na sociedade.

Nosso partido precisa se desafiar a construir uma estratégia clara e urgente para 2026, considerando os cenários por estados e regiões, repensando as alianças de forma que possam acumular e contribuir para sustentar ou mesmo pavimentar a vitória do nosso projeto.

Não há significativas diferenças de diagnóstico. A questão é se vamos nos conformar com o cenário e aderir a ele ou se vamos criar condições para a disputa entorno do nosso projeto, com a permissão de referir a nossa Prefeita Margarida Salomão, constituindo um "Cinturão" de resistência do nosso projeto.

O PT como maior força da esquerda e pela contribuição decisiva junto ao campo democrático e progressista precisa propor uma agenda de lutas para os próximos meses que passa por: Punição aos golpistas – SEM ANISTIA, enfrentando a questão militar; Redução jornada trabalho 6x1, Isenção IR até R\$5.000, tributação sobre quem ganha acima de R\$50.000 e taxação dos lucros e dividendos, Regulação das Redes Sociais e da Inteligência Artificial e o enfrentamento da Crise Climática.

Precisamos estar atentos para não repetirmos os mesmo erros – uma inclusão sem a disputa de consciência crítica, em meio a um cenário muito mais adverso que exige mais política, valores e ideologia e não menos.

Nesse sentido, a defesa da democracia no Brasil precisa ser substantiva, sendo necessário fortalecer e constituir em uma nova geração de quadros e representações, que tenham a capacidade de expressar e articular as novas com as antigas pautas, rompendo com a narrativa falaciosa do Identitarismo, e nos voltando para a atualidade da luta de classes a partir de uma visão contemporânea que trabalha a partir da diversidade da classe trabalhadora reconhecendo a intersecção entre as desigualdades estruturantes de classe, raça e gênero.

O que precisamos é mais e não menos PT!

Brasília, Dezembro de 2024.